

Os idosos na Universidade da Melhor Idade – Universidade Católica Dom Bosco (UMI/UCDB): o que afirmam sobre suas histórias de vida e identidades

The elderly at the University of the Best Age – Universidade Católica Dom Bosco (UMI/UCDB): what they claim about their life stories and identities

Los individuos mayores en la Universidad de la Mejor Edad – Universidade Católica Dom Bosco (UMI/UCDB): lo que dicen sobre sus historias de vida e identidades

Carlos Magno Naglis Vieira¹
Aianne Carelli Nasser de Mello²

¹ Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Líder do Grupo de Pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais. E-mail: cmhist@hotmail.com, Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1045-8536>

² Mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Fisioterapeuta. Professora de Hidroterapia do Programa Universidade da Melhor Idade da UCDB. Membro do Grupo de Pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais. E-mail: aiannearelli08@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8636-0941>

Resumo: O artigo, que resulta de uma pesquisa de mestrado vinculado ao Grupo de Pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais/CNPq no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), busca verificar como os sujeitos idosos participantes do programa Universidade da Melhor Idade – Universidade Católica Dom Bosco (UMI/UCDB) posicionam suas identidades e histórias de vida. Com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), verifica-se que o crescimento da população idosa vem ocorrendo de forma significativa, o que proporciona realizar uma escuta atenta e sensível a esse segmento da população. Assim, situado no campo da Educação, o trabalho tem como eixo norteador autores que dialogam com os estudos de cultura e identidade, a fim de mostrar como as narrativas das histórias de vida dos idosos e a forma como posicionaram suas identidades ao longo da vida refletem no processo de envelhecimento.

Palavras-chave: UMI/UCDB; idoso; identidade; história de vida; envelhecimento.

Abstract: The article, which results from a master's research linked to the Research Group on Intercultural Education and Traditional Peoples/CNPq in the Postgraduate Program in Education – Master and Doctorate at the *Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)*, seeks to verify how the participating elderly subjects from the University of the Best Age program – Universidade Católica Dom Bosco (UMI/UCDB) position their identities and life stories. Based on data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (2010), it appears that the growth of the elderly population has been occurring in a significant way, which allows for an attentive and sensitive listening to this segment of the population. Thus, located in the field of Education, the work has as its guiding axis authors who dialogue with the studies of culture and identity, in order to show how the narratives of the life stories of the elderly and the way they positioned their identities throughout life reflect in the aging process.

Keywords: UMI/UCDB; elderly; identity; life history; ageing.

Resumen: El artículo, resultado de una investigación de maestría vinculada al Grupo de Investigación en Educación Intercultural y Pueblos Tradicionales/CNPq en el Programa de Posgrado en Educación – Maestría y Doctorado de la *Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)*, busca verificar cómo los sujetos ancianos participantes del programa Universidad de la Mejor Edad – *Universidade Católica Dom Bosco (UMI/UCDB)* posicionan sus identidades e historias de vida. Con base en datos del Instituto Brasileño de Geografía y Estadística (2010), parece que el crecimiento de la población anciana se ha venido produciendo de manera significativa, lo que permite una escucha atenta y sensible a este segmento de la población. Así, ubicada en el campo de la Educación, la obra tiene como eje guía autores que dialogan con los estudios de cultura e identidad, con el fin de mostrar cómo las narrativas de las historias de vida de los ancianos y la forma en que posicionaron sus identidades a lo largo de la vida reflejen en el proceso de envejecimiento.

Palabras clave: UMI/UCDB; ancianos; identidad; historia de vida; envejecimiento.

1 PALAVRAS INICIAIS SOBRE O TEMA

“No mundo há muito para aprender com aqueles que a modernidade tornou invisíveis” (MALDONADO-TORRES, 2010, p. 437).

Iniciamos o artigo com a expressão de Maldonado-Torres (2010), no sentido de ir delineando e organizando seus conteúdos para conduzir o leitor a uma reflexão sobre o papel que os idosos têm e representam em nossa sociedade; um papel, muitas vezes, visto como marginalizado, subalternizado, excluído e inferiorizado pela população mais jovem e, inclusive, por eles mesmos. Em algumas situações, essas atitudes são fruto de uma cultura pejorativa no que concerne ao envelhecimento.

Desenvolvido no Grupo de Pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais/CNPq, o artigo, que resulta de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado e Doutorado, da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), busca verificar como os sujeitos idosos participantes do programa Universidade da Melhor Idade – Universidade Católica Dom Bosco (UMI/UCDB) posicionam suas identidades e histórias de vida.

Partindo de experiências vividas de um dos autores, o artigo, além de motivar uma reflexão sobre a população, pretende realizar uma escuta atenta desse segmento, levando em consideração suas posições acerca do processo de envelhecimento, por meio de suas histórias de vida. Tendo como área do conhecimento os estudos da educação, o trabalho se faz relevante na medida em que procuramos apresentar que, além da ótica lançada sobre o mundo vivido e projetado pela população idosa, a presença desta na construção do presente não deve ser desperdiçada, excluída e marginalizada pela sociedade que a cerca, muito menos no espaço acadêmico.

Ainda nessa discussão, percebemos ao longo da pesquisa que muitas vezes o idoso é inferiorizado, excluído, colocado à margem em seus diversos contextos, fazendo com que se torne invisível aos olhos dos filhos da modernidade – filhos que ainda olham para o envelhecimento com um determinado preconceito, pois vivem a idolatria da juventude, da idealização da beleza a partir da aparência física. São filhos que acabam ignorando, desqualificando e desrespeitando aqueles que têm inúmeras experiências e podem colaborar para a produção de novos aprendizados.

Em outras palavras, não podemos deixar que a presença do idoso seja sempre percebida como um desconforto, e sim como um paradigma positivo para si próprio e para os outros. Diante desta temática desafiadora, estudaremos o grupo de idosos matriculados e participantes da Universidade da Melhor Idade (UMI), programa da UCDB vinculado à Pró-Reitoria de Pastoral. O programa compreende ações voltadas para pessoas a partir de 50 anos, sem limites de escolaridade, em preparação para o envelhecimento saudável, com práticas que promovam a saúde física, mental e social dessa população, especialmente dentro do ambiente universitário.

2 METODOLOGIA – TRAJETÓRIAS E PROCEDIMENTOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A pesquisa percorre caminhos pela abordagem qualitativa com caráter investigativo. Tem como procedimento metodológico a utilização de entrevistas, observações e análise documental. Com base nessas estratégias metodológicas, a pesquisa foi se desenrolando com a interação dos participantes da UMI/UCDB, com o levantamento e a análise dos dados de suas fichas cadastrais, que trazem alguns itens relacionados aos aspectos socioeconômicos e culturais, além da entrevista com a ex-coordenadora da UMI, o que possibilitou uma melhor compreensão das transformações do programa, desde sua implantação até os dias atuais.

Para tanto, foi realizado um amplo levantamento do referencial bibliográfico relacionado à gerontologia, à identidade e diferença, a legislaturas, assim como de artigos científicos, dissertações e teses relacionados ao lugar do idoso na sociedade, para melhor fundamentar o significado do idoso no âmbito de suas contribuições empíricas ao meio em que está inserido, contribuindo para a “ecologia dos saberes”, conforme explica Santos (2007), porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles, sem comprometer a sua autonomia.

A fim de conhecer e ter mais informações sobre os participantes da UMI, foi realizado um levantamento das matrículas no período de 2018 a 2019, o qual proporcionou inúmeras informações de todos os inscritos no programa. Esse

levantamento auxiliou no acesso às questões básicas, desde a identificação até os dados sociais, culturais e econômicos do contexto em que vivem, tais como: naturalidade, idade, gênero, profissão, renda, opção religiosa e escolaridade.

O levantamento realizado nos ajudou a compreender alguns aspectos culturais, pois a cultura, sob a ótica dos Estudos Culturais, é entendida como propõe Silva (2007): um campo de produção de significados, no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. Outra questão norteadora e acompanhada de perto durante os procedimentos metodológicos foi o significado de ser idoso, nos dias de hoje. Para nós, pesquisadores, junto aos idosos da UMI/UCDB, foi uma questão que atravessou toda a pesquisa, de diferentes formas e em diferentes contextos e percepções. É importante ressaltar que toda a metodologia foi pensada a fim de oportunizar a observação da história e cultura dos idosos da UMI/UCDB de alguma forma, respeitando ao máximo a subjetividade e o significado de sua identidade.

A opção metodológica de trazer recortes das histórias de vida dos idosos da UMI/UCDB foi pensada como forma de expressar fragmentos refletores de situações que afetaram, significaram ou representaram algo importante na construção de seus valores, na sua identidade e na construção do processo do envelhecimento. Segundo Warschauer (2004), o caminho proposto pela “Metodologia das Histórias de Vida” é a narrativa, pois possibilita o estudo sobre a vida das pessoas e a exposição da sua singularidade diante do universal. Desta maneira, os procedimentos metodológicos possibilitam uma articulação entre espaço e tempo, compreendendo a dinâmica das relações existenciais em busca de uma sabedoria de vida. Em outras palavras, quando escreve sua narrativa sob o seu ponto de vista, o sujeito expõe a sua singularidade diante do universal e pode, de acordo com Josso (2004), transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a ser construída.

Desta forma, apresentamos alguns fragmentos das histórias de vida dos sujeitos desta pesquisa e seus atravessamentos, os quais serão identificados com nomes fictícios referentes a pedras preciosas, uma singela e simbólica homenagem que lhes dedicamos, cumprindo, desta forma, o compromisso que fizemos com eles de não expor seus nomes.

A entrevista foi um outro procedimento utilizado na pesquisa. A estratégia de entrevista colaborou para dar voz aos(as) entrevistados(as) e evidenciar que o pesquisador de alguma forma interfere na resposta e na atitude do entrevistado, devido ao jogo de poder e ao controle entre quem pesquisa e quem é pesquisado. Entre os entrevistados, está a Profa. Me. Leiner Maura Vieira de Mello, coordenadora do programa por 20 anos e que participou da UMI desde quando se tratava de um projeto de Mestrado. Durante a entrevista com a ex-coordenadora, foi possível verificar o caminho que a UMI percorreu e os exemplos que precederam e promoveram a sua implantação, assim como o seu desenvolvimento dentro do campus universitário da UCDB, as experiências de um projeto pedagógico diferenciado, as motivações e os significados que levam os idosos a frequentar a UMI e sua importância dentro e fora do espaço acadêmico.

Os estudos de Meyer e Paraíso (2012) consideram que as entrevistas passaram a se constituir em um importante instrumento de investigação, utilizadas na busca por informações ou sujeitos/informantes específicos. Ainda sobre os procedimentos metodológicos, identificamos que, quanto mais nos deixávamos envolver pelo campo, novos sentidos e significados surgiam para a produção dos dados de pesquisa. Assim, aventurar-se no campo empírico atravessado por leituras do campo dos estudos pós-críticos e estudos culturais nos mostrou que precisávamos sair do conforto das metodologias prontas. Com isso, nós nos ativemos ao fazer ciência, ao criar, ao construir a ciência que definiria a “composição” (a bricolagem) metodológica. É na construção do campo de pesquisa que se define a elaboração das metodologias (a composição inteligente delas), e não o inverso.

Amparados nessa discussão, surgiu enquanto procedimento metodológico a Agenda do Idoso. Com o tempo, vendo a necessidade que muitos tinham de registrar acontecimentos, a agenda tornou-se um material de resgate de suas memórias, história de vida, percepções e identidade, além de informações adicionais relativas aos cuidados e à prevenção para o processo do envelhecimento bem-sucedido. O registro na agenda pelos idosos ocorreu durante as aulas de Atualidades em Saúde ou nas suas residências, durante as férias, no período entre o primeiro e o segundo semestre de 2019.

3 SITUANDO A UMI/UCDB E OS IDOSOS

Apesar de estudos ainda tímidos no campo da Educação tendo como foco esse segmento populacional, observamos que a população idosa tem despertado a atenção de vários campos do conhecimento, devido ao crescimento demográfico e às implicações decorrentes deste fato. Para melhor compreender quem é o idoso na sociedade atual, a Organização Mundial da Saúde (WHO/INPEA, 2002) considera a pessoa idosa aquela acima de 60 anos em países em desenvolvimento, enquanto nos países desenvolvidos se considera a faixa etária a partir de 65 anos. No rastro dessa discussão, é possível observar que essa diferença de idade em relação ao nível de desenvolvimento econômico entre os países se deve basicamente ao índice de qualidade de vida, determinado pelas condições de trabalho, assistência à saúde, infraestrutura e segurança pública. Focando o assunto a partir de outros olhares, entendemos que o envelhecimento em idade diferenciada da população em países em desenvolvimento se deve às dificuldades inerentes às condições sociais e econômicas que a população idosa tem ao longo da vida.

No estado de Mato Grosso do Sul, a população com 65 anos ou mais soma 228.536 pessoas, o que corresponde a 1/12 do total de sul-mato-grossenses, em 2018. Esse número não deve apresentar retrações e crescerá até a marca de 779.365 em 2060 (IBGE/2018). No município de Campo Grande, a população total estimada em 2018, segundo o IBGE, correspondeu a 885.711 pessoas. Desse contingente populacional, os idosos somam 98 mil pessoas, representando mais de 11% da população total do município. É importante ressaltar que esses números apresentados sobre a população idosa estão articulados a aspectos econômicos que diferenciam a população de 15 aos 64 anos como potencialmente ativa.

Em análise sobre os dados apresentados, o que nos convida a uma reflexão é o fato de considerar o indivíduo na “idade produtiva” e “idade potencialmente ativa” até uma determinada faixa etária. A impressão que passa é de que a produtividade da pessoa está relacionada ao aspecto econômico apenas até o momento da aposentadoria. Essa ideia desconsidera as outras potencialidades do indivíduo, gera marginalização e reforça

a mentalidade pejorativa que vê o idoso como descartável e inútil. Diante dessa situação, podemos considerar esse enquadramento como limitado, ofensivo e agressivo, pois não respeita o processo do envelhecimento da pessoa e traz reflexos e afetamentos diretos e indiretos nas relações humanas, criando fragilidade, insegurança e liquidez, segundo Bauman (2004). Boaretto e Heimann (2003) compreendem que essa exclusão pronunciada acima se deve ao enquadramento do envelhecimento como uma categoria social, o que significa dizer que, conforme a categoria criada pela sociedade moderna, o indivíduo que nela se encontra está sujeito aos efeitos que este status lhe confere, esteja ele dentro ou fora dos padrões idealizados de poder, de valor e, por que não dizer, da importância social culturalmente imposta ou aceita pelo senso comum.

Sendo assim, é possível visualizar que, devido a essas condições, as identidades dos idosos estão em constante movimento, como sugere Bauman (2005). Assim, amparados nos estudos de Woodward (2000), entendemos que, a partir dessas influências, seja possível perceber uma produção de novas identidades, com outros estilos de vida, diferentes daqueles vividos em anos anteriores. Os dados apresentados neste artigo possibilitam uma breve análise dos aspectos culturais que identificam essa população, o que pode criar novos horizontes em vista da melhor compreensão das características que moldam o envelhecimento, a partir da concepção dos próprios idosos e dos contextos em que estão inseridos e nos quais foram construídos.

A Universidade da Melhor Idade (UMI) é o resultado de uma tendência ao cuidado sistêmico do idoso (saúde física, mental e social), que foi sendo desenvolvida no mundo todo a partir da Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, França, em meados da década de 1950, numa experiência coordenada pelo professor Pierre Vellas com idosos asilados. No Brasil, a primeira experiência de educação para idosos foi realizada pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) de São Paulo, na década de 1960. No âmbito da extensão universitária, em 1982, a Universidade Federal de Santa Catarina, por meio do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (Neti), realizou o primeiro programa brasileiro com características de Universidade da Terceira Idade.

Porém, somente em 1990, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas inaugurou um programa segundo o modelo francês.

De acordo com esse propósito, nasceu o projeto da UMI/UCDB. Fundada em 9 de março de 1998, a UMI/UCDB é um programa referendado na Política de Assistência Social, com base na Lei 12.435/2011, que dispõe sobre a organização da Assistência Social em seu Art. 3. Conforme o Decreto Presidencial n. 7.237/2010, que regulamenta a Lei 12.101/2009, cumpre a Resolução n. 109/2009 – Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, considerando a Deliberação do Conselho Municipal de Assistência Social (Cmas) n. 92/2017, que dispõe sobre os Parâmetros para Inscrição e de Regularidade Anual de Entidades e Organizações de Assistência Social, bem como sobre os serviços, programas, projetos e benefícios socioassistenciais no âmbito da cidade de Campo Grande, MS.

Com sua história construída há mais de duas décadas, é importante ressaltar que, dentro da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), a Universidade da Melhor Idade iniciou-se a partir de um projeto de dissertação de Mestrado em Educação da Profa. Neila Barbosa Osório Sinésio, com o tema: “Melhor Idade: Como Atendê-la?”, defendida na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, no ano de 2008. A ideia de criar a UMI/UCDB vem ao encontro da Pedagogia Salesiana, que carrega consigo princípios que fundamentaram a criação do programa. Assim, a UMI passa a ser um programa da UCDB a partir do ano de 2005, sendo considerada a primeira Universidade Salesiana da Terceira Idade na América Latina.

O programa de extensão universitária iniciou suas ações como projeto no espaço da UCDB no ano de 1998, com a participação de 30 idosos, nas dependências do Bloco B. Com uma equipe formada por diferentes profissionais, a UMI procura proporcionar aos seus participantes com mais de 50 anos de idade uma melhor qualidade de vida, ressaltando aspectos intelectuais, físicos e coletivos.

O número de idosos na UMI/UCDB, no período de 2018-2019, era de 141 novos matriculados, sem considerar o grupo dos permanentes que se mantêm ativos, especialmente nas atividades competitivas, como vôlei e natação, e também no coral e na hidroterapia – estes somavam 438

participantes. Para este estudo, foram analisadas as fichas das novas matrículas, o que representa uma amostra de 24,35% do total de 579 alunos que à época frequentavam o programa.

De acordo com os dados registrados nas matrículas dos participantes da UMI/UCDB, a maioria é formada por mulheres: 123 mulheres e 21 homens. Esses primeiros números nos mostram a participação mais efetiva das mulheres no autocuidado, o que significa que muitas delas buscam mais facilmente os meios para cuidar dos aspectos relacionados à saúde física, mental e social, demonstrando, assim, maior envolvimento, engajamento, protagonismo e prevenção dos fatores que poderiam reforçar estigmas negativos relacionados ao envelhecimento.

Como as mulheres são a maioria, podemos refletir que o comportamento feminino na promoção da saúde é muito mais preventivo do que lenitivo, ao contrário do comportamento masculino. A diferença entre os gêneros quanto aos cuidados com a saúde é uma problemática tratada em pesquisas que apontam, conforme Alves (2011), que as mulheres são consideradas mais cuidadas, e os homens, mais vulneráveis aos aspectos psicossociais, como: o machismo, as dificuldades em assumir a doença no trabalho e a dificuldade à acessibilidade aos serviços de saúde. A prevenção ao câncer de próstata foi o aspecto mais apontado quando a preocupação é a saúde.

Outro número significativo corresponde ao estado civil dos idosos matriculados. Como a maioria das mulheres idosas matriculadas também são casadas, isso pode indicar um fator estrutural social que beneficie o autocuidado, uma vez que elas já estão inseridas no cuidado familiar. Essa suposição, porém, não exclui quem tem outro estado civil, já que outras diferenças fazem parte das participantes do programa, considerando, em ordem decrescente, viúvas, solteiras, divorciadas e não informado.

Em relação à idade, observa-se uma maioria na faixa dos 60 anos, o que demonstra que o fator econômico (aposentadoria) pode ser um dos principais motivos para essa faixa etária buscar novos engajamentos e formas de se preparar melhor para a velhice, criando outros vínculos, diferentes do trabalho. Nesse mesmo contexto, quase 40 profissões foram descritas, sendo que em diversos casos as profissões foram mudando de acordo com a necessidade, segundo relatos dos participantes. Apenas uma

peessoa registrou o voluntariado como trabalho realizado, o que diverge de observações que tivemos durante a convivência com esses idosos, já que muitos deles são engajados, especialmente, em comunidades religiosas. Esse fato chama atenção para o pouco reconhecimento que esse público demonstrou em relação ao trabalho não remunerado, o que pode indicar que o idoso vincula trabalho à renda, o que é fruto de uma concepção social de marginalização, ligada ao valor do indivíduo economicamente ativo.

Analisando o perfil epidemiológico dos idosos da UMI/UCDB, observou-se uma maioria etária na faixa de 60 anos, ou seja, nascidos entre os anos 1950-1960. Daí se deduz que vivenciaram, em sua juventude, um período histórico brasileiro muito conturbado politicamente. Talvez esse período de crise tenha afetado seus comportamentos, refletindo hoje na atitude proativa em relação a cuidados gerais com a saúde como um todo, o que o programa sempre ofereceu diversificadamente.

4 O QUE OS IDOSOS AFIRMAM SOBRE SUAS HISTÓRIAS DE VIDA E IDENTIDADES

Trabalhar com o idoso é um desafio e requer inúmeros olhares sensíveis para um campo que lhe proporciona muitas histórias, marcas, identidades e diferenças. Nessa parte do texto, apresentamos algumas expressões, posicionamentos e compartilhamentos de trechos de suas histórias de vida e identidades. Não vamos transcrever todas as observações, e sim pontuaremos frases e aspectos que possam expressar, de alguma forma, as percepções daquilo que foi construído durante a vida deles e que hoje é a teia de suas histórias únicas, singulares, incomparáveis.

Como podemos perceber, a história de vida é uma narrativa que expressa a forma como o sujeito se vê, assim como vê as coisas ao seu redor, o que pode nos dar pistas acerca de como os idosos se veem hoje, assim como o que lhes aconteceu no processo de estruturação de suas identidades, ao longo de suas vidas. A forma como articulam suas identidades, naturalizadas num determinado período, em relação a uma época de liquidez de valores, significados e até mesmo dessas identidades, na qual estamos inseridos atualmente, é um desafio que os idosos enfrentam e

que motivou o desenvolvimento desse item, particularmente, no qual suas palavras traduzem um pouco de sua visão de mundo no momento presente. De acordo com as considerações de Josso (2004), a tomada de consciência faz com que, da mesma forma como as coisas são percebidas, também sejam projetadas. Daí podermos pensar o envelhecimento de forma plural e complexa, a partir dos afetamentos que atravessaram a trajetória de vida de cada um, interferindo na forma como se sentem e encaram a velhice.

a) Estigma e estereótipo: a preocupação com a estética. *“No início, não me senti muito feliz com as limitações, ganho de peso, olhar no espelho e ver as rugas aparecendo, me senti feia! Porém estou me aceitando e buscando me integrar na sociedade”* (Pérola, agosto de 2019).

A frase, de forma simples e objetiva, mostra como a aparência física pode ser incômoda para algumas pessoas, geralmente mulheres, ao se deparar com alterações da pele, do corpo, do cabelo, numa sociedade que valoriza predominantemente a juventude. Sentir-se feia e procurar se aceitar e se integrar são expressões muito marcantes, pois mostram a força dos estereótipos e a exclusão silenciosa: só pensa em se incluir quem se sente excluído, e isso representa um desafio à dignidade humana, conforme reforça Marin (2009). Além disso, observa-se uma forte valorização da juventude e a constituição de sociedades narcisistas e individualistas. Segundo Pitanga (2006, p. 16), a estetização da existência induz a “[...] um horizonte, onde os valores de profundidade e interioridade estão perdendo gradativamente espaço, sendo, em decorrência disso, substituídos por valores relativos à superfície e exterioridade”.

O estigma social da velhice como problema, de acordo com Minayo (2006), refere-se à ideia de decadência decorrente do critério biológico, associado à doença e deterioração do corpo, em detrimento de toda a plenitude que o processo do envelhecimento representa, levando a uma rejeição da velhice, observada por Neri (2006), e ao desprezo do próprio idoso quanto à sua condição.

b) Valores, afetamentos e enfrentamentos.

Ao rever suas histórias de vida, alguns idosos relataram que tiveram uma infância muito difícil na roça, ou sofreram maus-tratos, e que a vida melhorou quando foram para a cidade. Por isso, acham que estão melhor

agora do que na infância. *“O envelhecimento pra mim foi muito rápido, pois, depois de adulta, eu não cuidei de mim. Eu casei cedo e depois só pensava em trabalho e cuidar dos filhos para que não faltasse nada para eles. Foi aí que eu percebi que já estava muito velha”* (Safira, agosto de 2019).

Esse exemplo retrata os papéis sociais desempenhados e naturalizados como valor muito comum e aceito socialmente, numa sociedade moldada pela modernidade, na qual se confere uma situação de desvantagem social ao idoso, conforme abordagem de Moreira e Nogueira (2008), relacionada à produtividade. Ou seja, de acordo com Schneider e Irigaray (2008), a pessoa acredita que seu valor está atrelado à juventude, autonomia e produtividade.

Em outras palavras, podemos observar que a identidade é representada de acordo com os discursos, o que assinala as formas de inscrição pelas quais o Outro é representado (SILVA, 2007). Segundo Woodward (2000, p. 17),

[...] as representações incluem as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e àquilo que somos.

Essas discussões e argumentos reforçam a existência de uma crise de identidade. A ideia de crise de identidade se desenvolve a partir de mudanças que ocorreram na sociedade moderna e que, de alguma forma, influenciaram a vida social do indivíduo.

Entre uma frase e outra, identificamos muitas histórias de preconceito para estudar, trabalhar, criar os filhos e cuidar dos deveres familiares. *“Hoje eu me vejo muito importante pra minha família”* (Aquamarine, setembro de 2019); *“Muitas coisas na vida eu não achava que valeria. Apenas hoje descobri a importância dos meus valores”* (Esmeralda, agosto de 2019).

Isso mostra que muitas pessoas estão percebendo hoje o papel que tiveram e têm em seus diversos contextos sociais, o que lhes dá a sensação de dever cumprido e de enxergar seu valor, até então subjugado. Outros projetaram nos filhos suas realizações: *“E hoje eu tenho muito orgulho de meu filho, porque eu consegui realizar meu sonho”* (Rubi, setembro de 2019).

A frase apresentada é muito interessante, pois mostra a projeção do sonho pessoal no outro. E isso criou uma satisfação, pois seus esforços foram

para dar condições ao outro. Os seus interesses foram transferidos e sua existência é justificada pelos esforços em fazer pelo outro o que não teve para si.

Também houve casos em que os obstáculos foram enfrentados a partir da fé:

Então, tudo começou há exatamente 40 anos. Tinha 22 anos e me encontrava no fundo do poço. Revoltada, amargurada, triste, decepcionada, sem nenhuma esperança no futuro, não conseguia ver nada de bom, nada de real na minha vida. Foi quando decidi acabar com minha vida. Isto foi em uma quinta-feira, quando tomei esta decisão. Comecei a maquirar o mal contra mim mesma, passei aquela noite decidindo com fazer. Mas aconteceu algo sobrenatural na sexta-feira à noite: fui impactada com um grupo de jovens que cantavam alegremente uma música com este refrão: Cristo é real, Cristo é real, pode um sonho parecer, mas Cristo é real. Isto foi um marco em minha vida. Recebi esta mensagem, ela passou a fazer parte integrante da minha vida, transformou a minha vida. Casei há 32 anos, tivemos 3 filhos, hoje formados e casados. E, por esta razão, posso e ajudo muitos jovens, principalmente dependentes químicos. Sou amada por Deus, consigo amar o próximo e sei quem eu sou. Hoje me sinto realizada! (Opala, agosto de 2019).

A história retrata uma época em que havia muita desinformação em relação às questões de saúde mental, especialmente na detecção e no diagnóstico de transtornos psicológicos e emocionais, além do preconceito de achar que quem precisava cuidar da cabeça era louco. Também, é possível verificar uma forte religiosidade registrada como caminho para a superação de transtornos dessa ordem, o que, neste caso, foi de grande valia, pois possibilitou a abertura de um horizonte para ela, que não tinha nenhum, a ponto de reestruturar sua vida, construir uma família e servir voluntariamente a uma causa que a interessa e lhe traz realização. Essa pessoa transformou seus sofrimentos em atitudes construtivas para promover o bem comum.

Outras pessoas percebem o envelhecimento como uma vitória, depois de tudo o que lhes ocorreu na vida, o que demonstra a forma eficaz de enfrentamento relacionado aos acontecimentos, valorizando os recursos internos, frutos dessas experiências (OMS, 2005). *“Envelhecer pra mim é tranquilidade, porque consegui alcançar os objetivos”* (Zircônia, setembro de 2019); *“É quando começamos a pensar mais em nós”* (Ágata, agosto de

2019); “*É ter qualidade de vida e fazer tudo o que gosto*” (Âmbar, agosto de 2019); “*É felicidade*” (Granada, setembro de 2019).

Da mesma forma, o trecho seguinte aponta para a construção da trajetória pessoal da entrevistada, com desencontros e enfrentamentos que foram ressignificando sua existência:

Estou contando minha história vencedora com muito orgulho e pouco estudo! Segundo ano escolar, aos sete anos comecei na roça. Éramos 17 irmãos, todos trabalhavam. Meu pai só deixava assinar o nome. Casei com 17 anos, continuei trabalhando e dona de casa. À noite, tinha uma escola na roça que tinha o mobral, e eu fui estudar. Fiz o mobral completo. Já me sentia uma grande vencedora, aprendi a ler e escrever. Sou uma grande mãe, tive três filhos e duas adotivas, menores de rua de São Paulo. Eram bebezinhas, para mim foi a maior alegria da minha vida, foi um sonho. Aos 15 anos, uma delas voltou para a rua, a outra é casada, mãe de três filhos. Ai, como é triste você criar, dar estudo completo e eles têm o direito da sua escolha de vida. Os estudiosos dizem que a diferença é o sangue, mas o amor é o mesmo. Foi difícil aceitar essa perda. Hoje sou conformada, me resta rezar por ela, não perdi, só ganhei! Na roça, tinha um sonho de ser costureira. Já foi um passo a mais para mim ser esta profissional. Na UMI descobri o trabalho de artesanato, foi uma descoberta maravilhosa, eu vi em mim um trabalho de pintura artesanal, aprendi a fazer boneca, que era um desejo de infância. Aprendi que tudo vale a pena, tudo foi um propósito de Deus, agradeço tudo de bom e de ruim, hoje eu sei meus valores (Turmalina, agosto de 2019).

Esta história começa de uma forma impactante. A forma como ela se vê revela uma identidade forte, que foi construída em meio aos reveses da vida e cujos valores foram reforçados da mesma forma, por meio de tudo o que foi lhe acontecendo. Seus sonhos nunca morreram; ao contrário, a cada etapa vencida, ela já tinha outro em mente. O sentimento de gratidão revela uma grande capacidade de superação e aceitação das escolhas dela e dos outros.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2004) considera qualidade de vida como a percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida dentro do contexto de sua cultura e do sistema de valores de onde vive, assim como em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Sendo assim, é um conceito muito amplo, que incorpora de maneira complexa a saúde física de uma pessoa,

seu estado psicológico, seu nível de dependência, suas relações sociais, suas crenças e sua relação com características proeminentes no ambiente (OMS, 2005, p. 28).

Alguém transformou em poesia sua resposta: *“Envelhecer para mim é uma dádiva, porque nem todos que nascem envelhecem. Vamos aprendendo muito com as luzes do entardecer da vida, na sabedoria que brota das experiências. Entender a vida não como um problema a ser resolvido com amarguras, mas como um mistério a ser descoberto e partilhado na gratuidade do amor de cada dia”* (Turquesa, agosto de 2019).

Algumas pessoas relatam que têm consciência de seu valor, apesar do discurso contrário do capitalismo contemporâneo: *“Sou aposentada, não inútil”* (Topázio, agosto de 2019).

A este respeito, existe um mito relativo à ideia de que o idoso, em geral aposentado e, em alguns casos, dependente financeiramente, perde o seu valor social, dando vazão à ideia de decadência associada à velhice. Nesses casos, Minayo (2006) descreve que é comum o próprio idoso, envolvido pela noção de descarte, sentir-se desvalorizado e, assim, buscar o isolamento do mundo.

“Estou com 70 anos, não me vejo velha. Na minha casa tem um quintal, carpo e planto rama de mandioca. Moro com Deus e uma cachorra brava, minha companheira. Tenho minhas roseiras e uma hortinha. Graças a Deus, estou com muita saúde” (Diamante).

É muito comum ouvir pessoas relatarem que não se sentem velhas, não por rejeitar a velhice, mas porque não se sentem limitadas pelo processo de envelhecimento. Soares (2012) explica que esse estranhamento se deve à percepção da pessoa que sabe que não é mais jovem, mas que ainda não se considera velha, o que gera um período de indefinição (não lugar), denominado de envelhescência. Berlinck (2000) também diferencia envelhescência de envelhecimento, explorando a lógica de que a primeira nasce como consequência do segundo. O envelhecimento recebe uma conotação negativa ao ser associado à decadência; já na envelhescência o sujeito se encontra na situação de pensar seu processo de envelhecimento, o que se considera um esforço solitário, que pode enriquecer o mundo interno do sujeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o idoso é estar diante de uma realidade multicultural, repleta de desafios pessoais e sociais. A presente pesquisa trouxe aspectos teóricos e, principalmente, dados empíricos relevantes dessa população, respeitando sua alteridade; a partir de suas falas e percepções, podemos observar o quanto são significativas suas partilhas, pois trazem questões muitas vezes naturalizadas, revestidas de estereótipos preconceituosos e homogêneos sobre a cultura do envelhecimento.

A realidade sociocultural e a projeção demográfica da população idosa no Brasil e no mundo convidam as novas gerações a olhar com entusiasmo para as questões que atravessam a construção e a sustentabilidade da longevidade, provocando, sobretudo, um olhar de valorização para o idoso enquanto sujeito ativo e digno de reconhecimento.

A construção dessa proposta, em toda sua complexidade e diversidade, necessita observar a importância das universidades voltadas à Terceira Idade, representadas pela UMI nesta ocasião, na promoção do envelhecimento digno e inspirador, a partir do meio acadêmico, considerando o impacto social que este meio proporciona na construção de uma sociedade mais justa, responsável e cidadã.

Novos desafios e reflexões surgem a partir da análise sensível dos dados coletados e apresentados, como forma de motivar novas pesquisas no campo do envelhecimento humano em suas várias demandas, em que olhar para o outro sempre foi um desafio para o ser humano na construção das sociedades. Inclusive, não olhar para o outro também constrói sociedades com esses valores invisibilizados, o que fomenta o ciclo da subalternização, da intolerância e da marginalização.

Promover um processo educacional que olhe para os idosos, que olhe para o envelhecimento humano, é garantir que os jovens em formação percebam essa população desde já em seus estudos, nas diferentes áreas do conhecimento. Da mesma forma, a conscientização também deve ser trabalhada com os próprios idosos, que muitas vezes não sabem como contribuir com as novas gerações, o que demonstra um aparte social ou uma linha invisível para quem está do lado de lá ou de cá, como diria Boaventura de Souza Santos (2007).

O campo da Educação mostra-se especialmente profícuo para tratar dessa temática, considerando sua capilaridade na sociedade, além da sua incontestável importância na formação do indivíduo em todos os lugares, culturas e contextos, dentro e fora do campo acadêmico, acerca do envelhecimento humano.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. F.; SILVA, R. P.; ERNESTO, M. V.; LIMA, A. G. B.; SOUZA, F. M. Gênero e saúde: o cuidar do homem em debate. *Psicologia Teoria e Prática*. São Paulo, v. 13, n. 3, p. 152-166, dez. 2011.

BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BERLINCK, M. T. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.

BOARETTO, R. C.; HEIMANN, L. S. Conselhos de representação de idosos e estratégias de participação. In: VON SIMSON, O. R. M.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Org.). *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas: Alínea, 2003. (Coleção Velhice e Participação Política).

IBGE. *Estimativa de população residente para os municípios 2018*. Brasília: IBGE, 2018

JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MALDONADO-TORRES, N. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 396-443.

MARIN, J. Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e saber universal no contexto da globalização. *Revista Espaço Pedagógico*, Passo Fundo v. 16, n. 1, p. 7-26, jan./jun. 2009.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Org.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MINAYO, M. C. S. Visão antropológica do envelhecimento. In: VELHICES: reflexões contemporâneas. São Paulo: Sesc, 2006. p. 47-60. v. 1.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F. N. N. *Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade*. São Paulo: Psicologia USP, v. 19, n. 1, p. 59-79, jan./mar. 2008.

NERI, A. L. Atitudes em relação à velhice: questões científicas e políticas. *In: FREITAS, E. V.; PY, L.; CANÇADO, F. A. X.; DOLL, J.; GORZONI, M. L. (Ed.). Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1316-23.

OMS. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60 p.

PITANGA, D. A. *Velhice na cultura contemporânea*. 2006. 191 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, 2006.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.: *Novos estudos - Cebrap*, São Paulo, n. 79, nov. 2007.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, n.4, p. 585-93, 2008.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, S. S. G. S. *Envelhescência: um fenômeno da modernidade à luz da psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2012.

WARSCHAUER, C. Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação. *In: SCOZ, B.; PINTO, S. A. M. (Org.). Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 13-23.

WHO/INPEA. *Missing Voices: views of older persons on elder abuse*. Genebra: WHO, 2002.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

